

O CATÁLOGO DOS PECADOS MORTAIS

A SUA PRESENÇA NA CULTURA ANTIGA E CONTEMPORÂNEA (I – INTRODUÇÃO)

Todos se lembrarão, pelo menos os mais cinéfilos, de um filme de culto, *Seven*, realizado por David Fincher, que passou nos cinemas portugueses com o título de *Sete Pecados Mortais*. O filme estava indicado para maiores de dezasseis anos, e fez culto entre os que apreciam o género policial negro, ou seja, aquele em que não é clara a vitória dos bons.

A história do filme resume-se em poucas palavras. Um assassino psicopata, obcecado pelos sete pecados mortais, planeia e executa de forma teatral sete crimes, cada um alusivo a um dos pecados capitais, pela seguinte ordem: gula, avareza, preguiça, luxúria, orgulho, inveja e ira. O assassino, representado pelo actor Kevin Spacey, permanecerá no anonimato, pois raspara as suas impressões digitais de modo a dificultar a captura, e será sempre nomeado, no filme, como John Doe, expressão idiomática inglesa que se pode traduzir em português por “Zé Ninguém”, ou “fulano”, ou ainda “um qualquer”.

Esta despersonalização contribui para um dos efeitos mais inquietantes do filme: o de sentirmos que os juízos morais deste “Ninguém”, capazes de, numa personalidade perturbada como a dele, matar outros seres humanos, na verdade identificam um “Toda a gente”, ou seja, as vítimas assassinadas são culpadas, aos olhos de terceiros, de um tipo de mal. Ao dar um plano aos seus actos assassinos, o psicopata converte-se no mais cego e imparcial dos justiceiros. E desta forma, o polícia bom que o persegue, o detective Mills (interpretado pelo actor Brad Pitt), se torna vítima do sexto pecado da lista, ao perder a mulher por inveja de John Doe, e culpado do sétimo, a ira, quando executa este assassino psicopata com um tiro na cabeça, num grande final programado pela mente assassina, que ao decidir sobre o fim dos seus dias, mostra que o pecar, o julgar e o punir pertencem a todos os homens à vez.

Para esta responsabilização de todos e vulgarização do mal contribui também o espaço onde decorre a acção: uma cidade americana, de grandes e

sombrios arranha-céus e trânsito caótico, permanentemente afogada numa chuva cinzenta, mas que nunca é identificada. Todas e nenhuma, pensaríamos.

Vem esta apreciação cinematográfica muito *a posteriori* (o filme tem onze anos) a propósito da tipologia dos pecados capitais, (de *capitalis*, -e, “principais”) também apresentados pelo catecismo da Igreja Católica como os “pecados mortais”, aqueles cuja gravidade compromete a aproximação a Deus, se não houver um acto de penitência ou confissão da falta.

O filme assume explicitamente, no início, a sua proximidade a um contexto significativo e uma moralidade de fundo cristão, ainda que, com o desenrolar da tela, esta adquira um rosto que passa pela moralidade ocidental, mesmo a contemporânea, latamente considerada: por detrás do frigorífico da casa da primeira vítima, um homem patologicamente obeso (culpado de gula), obrigado pelo assassino a comer durante dias a fio até, literalmente, rebentar, está um bilhete que diz: “Long is the way and hard that out of hell leads up to light”.

Este texto sintetiza a passagem bíblica de Mt. 7, 13-14,¹ no final da longa exortação de Cristo às multidões, em que se define o essencial da prática cristã, iniciada pelo “Sermão das bem-aventuranças”: “*Intrate per angustam portam: quia lata porta et spatiosa uia est, quae ducit ad perditionem, et multi sunt qui intrans per eam. Quam angusta porta, et arcta uia est quae ducit ad uitam: et pauci sunt qui inueniunt eam!*”.

Estes versículos aludem à exigência da doutrina cristã e à dificuldade de granjear a salvação, assunto muito recorrente nos Evangelhos e que, como muitos outros aspectos dos Evangelhos, é passível de ser contrariado por outras passagens que acentuam, por exemplo, a universalidade e a doçura implícitas no cristianismo. Seja como for, passagens de todos conhecidas como “esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque muitos, digo-vos, tentarão entrar sem o conseguir” (Lc. 13 24) “nenhum daqueles que foram convidados provará da minha ceia” (Lc. 14, 24); “muitos são convidados, poucos os escolhidos...”; “é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha...” (Lc. 18, 25; Mc, 10, 25; Mt. 19, 24) alinham-se dentro deste eixo valorizador da selecção motivada pela renúncia e da excelência de apenas alguns, os capazes de seguir as exigentes propostas cristãs.

¹ *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Clementinam*, A. COLUNGA, L. TURRADO eds., B.A.C. Madrid, 1994, 9ª ed.

A tipologia dos principais pecados em que pode incorrer o homem adapta-se continuamente ao tempo que interpreta, pelo que, sendo um motivo constante, foi alvo de manifestações muito variadas, comprometidas com as características dos tempos que interpreta.

Por exemplo, nesta Páscoa de 2006, causou algum celeuma que o Penitenciário-mor do Vaticano, o Cardeal James Stafford, na homilia do rito de reconciliação da Semana Santa, tivesse falado na Basílica de S. Pedro do excesso de consumo de *media* como a *internet*, a televisão ou os jornais como pecados, em detrimento da oração e da leitura das Escrituras. Estes pecados, ligados ao consumo desregrado de informação, não poderiam integrar a tipologia que herdámos do mundo antigo, naturalmente. Também em 2004 a Conferência Episcopal se referiu aos pecados sociais que afectavam a sociedade portuguesa, entre os quais estavam a corrupção, a fuga aos impostos, o consumismo, o desrespeito pelas normas de trânsito, as agressões ao meio-ambiente e o individualismo. Nestes dois exemplos do mundo recente, salientamos a contemporaneidade das tipologias apresentadas que, não obstante a substância nova, retomam um motivo ancestral e muito vivo na cultura greco-latina cristã.

Assim se revela a pertinência e eficácia comunicativa de um modelo que caminhou, evoluindo, desde o mundo antigo até nós, dando frutos na linguagem artística e na edificação cristã actual².

Façamos pois, uma breve apresentação dos principais autores do mundo antigo e medieval cristão que desenvolveram o tema do catálogo dos vícios e que sustentaram, com as suas reflexões, a sobrevivência deste no imaginário ocidental.

Considera-se que o primeiro autor a sistematizar esta reflexão foi Evágrio do Ponto, no seu *Praktikon*. Os anónimos da colecção *Apophthegmata Patrum* e Efrém Sírio no seu *Logos Asceticos* trataram aspectos do tema, em Grego e em Siríaco, e o modo fragmentário com que o fazem, associado à natureza do género literário praticado, demonstram-nos que a fixação escrita sobre o tema se fez sobre um modelo germinado na prática monástica de uma cultura oralizante. O último dos autores citados, Efrém Sírio, foi rapidamente traduzido para língua grega numa versão que foi divulgada no Oriente

² No próximo número apresentaremos algumas manifestações artísticas do mundo ocidental posterior à Antiguidade que tratam o tema dos pecados capitais.

helenófono e que foi sujeita a tradução precoce para latim, como estudou Abel do Nascimento Pena na sua tese de doutoramento³.

João Cassiano foi responsável pela adaptação do tema ao Ocidente latino, num trabalho de divulgação dos princípios do monaquismo oriental no Ocidente sem precedentes, operado na sua obra *De Institutis Coenobiorum*, que consagra os oito últimos livros, desta obra de doze no total, a expor os modos de combate a cada um dos oito vícios: a *gastrymargia*, a *luxuria*, a *auaritia*, a *tristitia*, a *ira*, a *acedia*, a *cenodoxia*, a *superbia*, traduzem ou transliteram os conceitos evagrianos de *gastrymargia*, *porneia*, *lúpê*, *orgê*, *acedia*, *cenodoxia* e *uperefania*.

Nestes dois autores fundamentais para a divulgação do catálogo dos oito vícios capitais, destaca-se desde já um elemento: a noção de que há um processo consertado, e de que esta ordenação não reproduz um catálogo aleatório de faltas, de igual valor ou perigosidade. A luta pela perfeição monástica faz-se por etapas, é progressiva, no sentido em que primeiro se enfrentam os combates mais fáceis, ou os vícios menos graves. Desta gradação resulta um treino que melhora espiritualmente o que aspira à santidade. Assim a gula é um pecado do ventre, ligado à satisfação de uma necessidade básica que partilhamos com todos os seres vivos, a da alimentação. Da mesma forma, a luxúria está também associada à imagem de todo o homem enquanto ser vivo, e que cede ao impulso primário das forças que garantem a sua descendência. Já a soberba é um pecado do intelecto, de máxima gravidade, pois resulta de um exercício de auto-consciência e de valorização pessoal aos olhos dos outros.

Do instinto para a hiper-consciência, dos prazeres do estômago ao vício da soberba, é evidente uma ordenação psicológica e somática na consideração dos vícios que deformam a alma, e que resultam de uma análise do universal humano, psicológico e social.

Mas o tema dos pecados capitais não se esgota, embora tenha atingido grande relevo, na moral monástica. O poeta ibérico dos finais do séc. IV, Prudêncio, explora em linguagem alegórica, na sua *Psychomaquia*, a luta da alma contra os inimigos que a corrompem. Também os tratados morais de Martinho de Braga, o Apóstolo dos suevos, revelam um maior interesse pela edificação moral dos cristãos, numa linguagem que, no nosso entender, revela mais pontos de contacto com a moral cristã influenciada pelo

³ Abel do Nascimento Pena, *Efrém Sírio. Sua recepção no Ocidente Hispânico*, FLUL, 2000 (não publicada).

estoicismo romano do que com as reflexões monásticas inseridas na tradição sistemática grega.

Temos assim uma rica recepção e tratamento desta temática na Península Ibérica, com autores como Eutrópio de Valença, com a sua *Littera ad Petrum Papam de octo principalibus uitiiis*, numa abordagem sistemática do conjunto das faltas que corrompem o homem. A tradição literária bracarense impõe-nos uma rica consideração do assunto, em abordagens parcelares (os autores consideram um vício, ou pecado, em particular): Martinho de Braga deixou-nos a sua *Formula Vitae Honestae*, o *De Ira*, o *Pro Repellenda Iactantia* e o *De Superbia*; Pascácio de Dume, discípulo de Martinho de Braga, contemplou também o assunto na tradução latina dos *Apophthegmata Patrum*, particularmente no *Liber Geronticon*. Já no séc. VII, o monacato frutuosiano produz uma meditação sobre os vícios que podiam corromper o monge, texto que figura no cap. 13 da *Regula Monastica Communis* e que constitui, no nosso entender, um modelo para a revisão de consciência que antecede a confissão pública das faltas, acontecimento que antecede a celebração da missa dominical.

A esta presença do tema nas paragens latinas juntamos ainda o Papa S. Gregório Magno, no séc. VI, que reflectiu sobre o tema na sua obra magistral *Moralia In Job*, e que é, ao que sabemos, o primeiro autor a falar de uma lista de sete pecados maiores que ofendiam o amor, e não de oito, segundo a tradição monástica (fundindo a vaidade com o orgulho, a *superbia*, trocando a acédia pela melancolia, acrescentando a inveja), modelo que permanecerá dominante na tradição medieval e na catequese cristã. É também autor de uma ordenação decrescente, que é, com algumas alterações, o modelo hoje existente: orgulho, inveja, ira, melancolia, avareza, gula, luxúria.

Há também uma significativa alteração da perspectiva de observação. A tradição monástica de Evágrio e de Cassiano falava dos vícios como forma de instigar o monge a atingir um ideal de perfeição. Gregório Magno enfatiza os vícios que impedem o cristão de atingir a sua obrigação máxima, que é a da *charitas Dei et fratrum*. Foi, por isso, um dos grandes responsáveis pela migração da temática da *perfectio animarum* para a universalidade cristã, e, consequentemente, para a espiritualidade da cultura ocidental, onde ainda hoje está, como o provam as muitas obras de arte que povoam a nossa história cultural, desde a Idade Média até aos dias presentes.

PAULA BARATA DIAS